

**Machado de Assis:**

**“Lágrimas
não são
argumentos.”**

**Nesta Edição:****Joaquim Maria
Machado de Assis (pg. 1)****O bibliófilo José Ephim
Mindlin (pg. 1)****Ler ou não ler os
clássicos (pg. 2)****A retrospectiva de Brás
Cubas (pg. 3)****Contos Machadianos
(pg. 4)**Comprar um exemplar do O
Leitor:<http://bit.ly/OLEitorEx>

O LEITOR

INFORMATIVO LITERÁRIO

Joaquim Maria Machado de Assis

A história brasileira, jovem e dinâmica, revisor e colaborador no “Correio Mercantil” e, em 1860, a convite de Quintino Bocaiúva, passou a pertencer à mundo literário. Jornalistas, escritores, poetas, filósofos sempre surgiram e surgirão nos diferentes grupos sociais e isto revela a natureza mesma da arte literária que assume a responsabilidade de observar, compreender, traduzir e descrever as belezas da existência humana. Talvez por isso mesmo, alguns chegam a identificar romancistas com poetas, poetas com filósofos, pois para estes a linha que os separa quase inexiste diante da arte.

Joaquim Maria Machado de Assis, jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. Sem meios para cursos regulares, estudou como pôde e, em 1854, com 15 anos incompletos, publicou o primeiro trabalho literário, o soneto *À Ilma. Sra. D.P.J.A.*, no “Periódico dos Pobres”, número datado de 3 de outubro de 1854. Em 1856, entrou para a “Imprensa Nacional”, como aprendiz de tipógrafo, e lá conheceu Manuel Antônio de Almeida, que se tornou seu protetor. Em 1858, era

revisor e colaborador no “Correio Mercantil” e, em 1860, a convite de Quintino Bocaiúva, passou a pertencer à redação do “Diário do Rio de Janeiro”. Escrevia regularmente também para a revista “O Espelho”, onde estreou como crítico teatral, a “Semana Ilustrada” e o “Jornal das Famílias”, no qual publicou de preferência contos.

Esta sua atividade nos jornais e periódicos lhe rendeu mais do que uma atividade de sobrevivência financeira, lhe oportunizou o exercício e o mural de exposição de suas variadas obras. Seus contos se tornaram uma riqueza e um convite para que os jovens leitores não sintam-se distantes de obras clássicas como as de Machado de Assis. Aliás, são chamadas de “clássicas” porque tratam da fina flor da língua portuguesa, não nos deixando esquecer das origens belas e ricas do idioma que falamos, lemos e escrevemos.

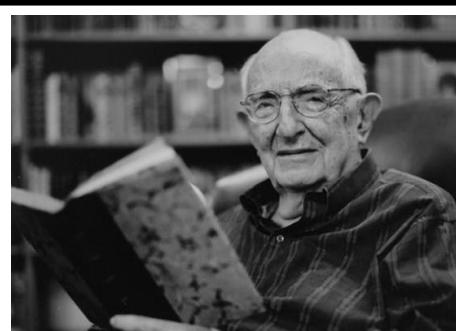
As obras deste escritor, que ocupou a 23ª cadeira da Academia Brasileira de Letras como membro fundador, são presenças obrigatórias em todas as bibliotecas pessoais e de redes de ensino.

Klaus Tolst

O bibliófilo JOSÉ EPHIM MINDLIN

O Editor.

No imaginário popular, o lugar da sabedoria e do conhecimento remete-nos a livros e bibliotecas, muitas delas repletas de estantes grandiosas com livros antigos e empoeirados. E de fato esta imagem não está errada, apesar de na realidade ser incompleta, pois os livros e as bibliotecas serão sempre meios e não o fim mesmo da busca por conhecimento e sabedoria.



Neste mês de setembro, queremos dedicar este editorial a José Ephim Mindlim, nascido em 8 de setembro de 1914 e falecido em 28 de fevereiro de 2010. Mindlim ficou conhecido como um dos maiores bibliófilos do Brasil, chegando a colecionar uma biblioteca com mais de 40 mil volumes, alguns bastante raros. A palavra *bibliófilo* designa um colecionador de livros, mas não somente colecionador, como se apenas comprasse vários livros e os guardasse. Este termo designa um amante dos livros e leitor inveterado. Nossa homenageado, que foi advogado, repórter, empresário e escritor, com certeza reuniu estas duas compreensões do termo: o colecionador e o leitor.

Este informativo literário deseja muito isso, fomentar um número cada vez maior de “bibliófilos” em nosso país, que ainda carece de incentivo denodado para este hábito tão fundamental no desenvolvimento humano. Mindlim começou a colecionar livros desde os 13 anos de idade, algo que penso ser importante ressaltar por evidenciar a capacidade de intelectualizar uma mente juvenil, sem aqueles raciocínios engessados que tentam empurrar o contato dos jovens com os livros para cada vez mais tarde em sua formação.

José Ephim Mindlim foi honrado com uma cadeira na “imortal” Academia Brasileira de Letras no ano de 2006, algo que considerou uma honra e uma valorização ao incentivo dado à cultura que seu amor pelos livros ajudou a cultivar e patrocinar.

“De certa forma, coroa uma vida dedicada aos livros” (José E. Mindlim)

Acredito muito que exemplos como o de Mindlim podem nos ajudar a tornar possível pequenas bibliotecas em nossas casas, pequenos acervos pessoais que possam ser aumentados com as póstumas gerações e ao mesmo tempo o amor pela leitura dos mesmos livros que se adquirem. Bibliófilos valentes e sem medo de lançarem-se nesta aventura, podem alcançar o conhecimento e sabedoria que José Ephim Mindlim almejou.

Ler ou não ler os clássicos

A apologia dos clássicos já foi feita por muitos, de forma mais ou menos convincente e mais ou menos politicamente correcta. Há mil e uma razões para se ler os clássicos, desde as mais nobres - como acreditar que ajudam à nossa formação - às mais mesquinhas, como querer apenas fazer boa figura. Muitos referem a actualidade destes textos (apesar de normalmente serem antigos) e, a esse propósito, Calvino escreveu de forma lapidar: "Um clássico é um livro que nunca acaba de dizer o que tem para dizer".

Avançar com mais argumentos seria 'chover no molhado', por isso preferia colocar a questão ao contrário: se ler os clássicos é tão bom como dizem, se nos traz tantas vantagens e nos proporciona tamanhos prazeres, por que temos tanta resistência em fazê-lo?

Quando penso num clássico como a Ilíada, por exemplo, por algum motivo forma-se na minha mente a imagem de um templo em ruínas.

Digo em ruínas não por o texto estar incompleto, mas porque nos encontramos tão longe da época em que ele foi escrito que se torna inevitável que grande parte do significado nos seja inacessível ou se tenha perdido pelo caminho. Por outro lado, já li tantos comentários, já ouvi contar tanta vez a história da Ilíada, que fiquei com uma noção esquemática da obra, como se fosse uma pintura belíssima que só conheço através de reproduções de má qualidade.

Mas há clássicos e clássicos - como diria Orwell «uns são mais clássicos do que outros» - e alguns estão bem próximos de nós. Nesses casos, talvez haja algum espírito de contradição, mas não gosto de ir atrás da opinião dominante. Ler uma obra muito elogiada faz-me sentir que estou a pisar um território que já foi pisado por muitos outros que lá chegaram antes de mim. Que não vou descobrir nada que não tenha sido descoberto antes.

Ao contrário do que possa parecer,

já li bastantes clássicos com grande proveito. Seria um perfeito absurdo ter a veleidade de desvalorizá-los ou tentar 'catequizar' alguém para não os ler.

Ainda assim, devo confessar que, quando chega a hora de escolher um novo livro, sinto sempre um conflito interno entre o que sei que 'devia' e aquilo que me apetece ler. É como se tivesse um diabinho a soprar-me ao ouvido: 'Por que hás-de ler o clássico, se já conheces de trás para a frente o que lá diz?'.

Por outro lado, olhando para a lista dos meus livros favoritos, a maioria não atingiu o patamar ou estatuto de clássico incontestado. A que se deverá isso? Penso que a resposta poderá ser resumida assim: por muito delicioso que seja, há um prazer que um clássico nunca conseguirá proporcionar - o prazer único e inimitável de a pessoa sentir que descobriu alguma coisa por si.

José Cabrita Saraiva
Escritor e colunista português



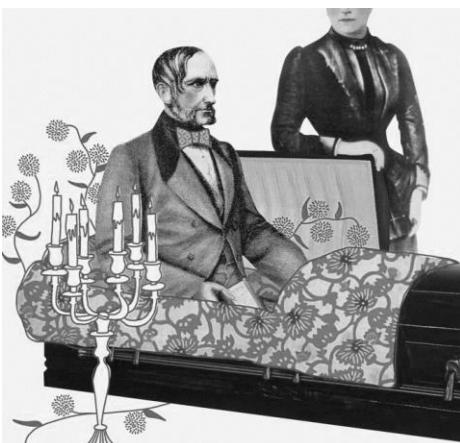
A RETROSPECTIVA DE BRÁS CUBAS

Tenho grande apreço por Machado de Assis, pois acredito que sua contribuição para a Literatura Brasileira foi muito além de incrementar as prateleiras da literatura universal, tenho minha opinião pessoal acerca de que, suas obras trouxeram uma real possibilidade de evolução da língua portuguesa aqui no Brasil. Mas esta minha opinião ainda carece de maior estudo acerca de tal afirmativa.

Já havia me aventurado pelas "Memórias Póstumas de Brás Cubas" (ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Editora Ática: São Paulo. 1997) no já longínquo ano de 1999, onde contava dezesseis anos de idade, uma idade boa para se aproximar de Machado de Assis. Confesso que naquele ano quase nada comprehendi deste romance, pois devemos confessar que a linguagem utilizada é para lá de formal, exemplo claro de um português segundo "as normas da lei" gramatical, além dos inumeráveis vocábulos que exigem de pessoas do nosso tempo (pelo menos a maioria!) várias consultas ao dicionário da língua portuguesa. Pois nesta segunda leitura que faço, depois de passados exatos dezesseis anos (curiosa coincidência...), posso ser mais digno de Machado de Assis e dizer-lhe que não consultei tanto como outrora o velho dicionário.

Neste livro o escritor faz uma curiosa narração da vida de um defunto, em que o narrador, que nos leva a esta retrospectiva é o próprio falecido, o tal Brás Cubas.

Nos impressionantes 160 capítulos, Cubas nos vai revelando os momentos mais importantes e as pessoas que mais lhe valeram, positiva ou negativamente. Uma vida quase fidalga, sem o necessário labor para comer o pão de cada dia, visto ter nascido em família abastada. Num tempo em que a vida política era a meta da felicidade para muitos, Cubas também era empurrado para o palco da política. De fato, chegou a ser deputado no Rio de Janeiro, mas quase no fim da vida, revirou-se contra os políticos de então, desejando até publicar um jornal independente criticando e opondo-se às decisões políticas daqueles que eram investidos do poder.



Mas seu grande momento com certeza não fora a política, e sim o romance com a mulher de outrem, a linda Virgília lhe roubava o tempo e o espaço. Estava realmente apaixonado por esta senhora que era casada com o distinto Lobo Neves, também político que almejava a presidência da província. Virgília também estava confusa e aparentemente apaixonada por Cubas, o que levava os dois a se

encontrarem sempre em segredo, no silêncio da residência de Lobo Neves, enquanto trabalhava, ou na cumplicidade de uma casinha num parque, zelada pela Dona Plácida. Este romance não teve final feliz para Cubas, visto suas possibilidades mínimas. Mas fez-lhe perder o tempo, gastar-lhe os anos, sem casar e sem filhos. Este será o saldo final do já falecido.

"Memórias Póstumas de Brás Cubas" levou-me no passado e agora a apreciar ainda mais a nossa língua portuguesa. Já tendo dito que aos dezesseis anos li o primeiro livro de Machado, parece-me mais sensato não recomendá-lo a mentes mais novas. Um bom vinho se saboreia quando o paladar já tocou vários vinhos. Machado de Assis também se revela em sua grandeza e fascina quando já se percorreu uma jornada de leitura

Valderi da Silva
www.valderi.com.br

**Você já leu este
livro?**



Envie seu comentário
para nosso e-mail
info.oleitor@gmail.com

Contos Machadianos

Machado de Assis foi um escritor bem produtivo, e por isso nos deixou vários escritos, entre crônicas, poemas, romances, teatros e contos. Vou apresentar aqui uma “mini” resenha de três contos que fazem parte de quase todas as coletâneas que se organizam em diversas editoras pelo Brasil.



O Alienista: O personagem Dr. Simão Bacamarte, o alienista, é um médico que, depois de frustrar-se com a falta de filhos em seu casamento, resolve dedicar-se ao estudo da neurologia; começa a investigar a falta de sanidade humana. Dr. Simão cria, então, a Casa Verde, no intuito de abrigar os loucos da região e de aprofundar seus estudos. No início seu ato foi bem visto, porém, com o tempo, ele passou a internar pessoas sem motivos aparentes, o que gerou uma rebelião popular. Porfírio, líder da rebelião, consegue tomar o poder, mas ao fim, resolve manter a Casa Verde.

Ao perceber que a maior parte da cidade estava internada, o alienista resolve liberar os internos e rever sua teoria: se a maioria apresentava características de insanidade, então os “normais” eram os que estavam fora do padrão e deviam ser internados. Após algum tempo, revê novamente sua teoria e conclui que ninguém tinha personalidade perfeita, somente ele. Decide se internar sozinho na Casa Verde para o resto da vida.

O Enfermeiro: Procópio é um enfermeiro que vai para uma cidade do interior cuidar de um velho rico e rabugento. No início, Procópio achou que estava com sorte, mas logo viu que seus dias não seriam fáceis tendo que aturar as ofensas verbais e até físicas do velho Felisberto. Chega a pedir as contas, mas o velho pede desculpas e o enfermeiro resolve ficar. As ofensas continuam e, numa certa noite, o enfermo joga uma vasilha na cabeça de Procópio, este, com os nervos a flor da pele, acaba matando o velho enforcado. O enfermeiro tinha fama de paciente e acaba ficando com a herança do velho. Diante da boa imagem que tinha na cidade, Procópio acaba esquecendo a sua culpa e fica com a herança sem grandes remorsos. A história é narrada pelo enfermeiro, já velho e a beira da morte.

Missa do Galo: Nogueira vai estudar no Rio de Janeiro e se hospeda na casa do escrivão

Meneses, um parente distante. Meneses mantém um caso extraconjugal consentido por sua esposa, Conceição, uma mulher fértil que retorna para Mangaratiba, sua terra natal, apesar de estar de férias porque quer assistir à missa do Galo na corte. Na noite da véspera de Natal, Meneses vai encontrar a amante e Nogueira fica acordado lendo e aguardando o horário para ir à missa com o vizinho. Conceição acorda e os dois começam a conversar, falam de assuntos variados, riem, se aproximam no intuito de falar mais baixo para não acordar D. Inácia, mãe de Conceição.

Nessa noite, Conceição fica mais solta, mais falante e Nogueira fica encantado observando-a. O vizinho interrompe a conversa e Nogueira parte para a missa do galo. No ano seguinte, Nogueira fica sabendo da morte de Meneses e do casamento de Conceição com um escrevente. O conto é narrado por Nogueira já adulto, dizendo não saber explicar o que tinha acontecido naquela noite entre ele e Conceição.

Valderi da Silva
www.valderi.com.br



ASSINE O
INFORMATIVO
MENSAL COMO
FORMA DE
PATROCINAR.



Apoio e divulgação:
VALMI
Projetos G. e C.
fb.com/valmi.projetos
Instagram.com/valmi.pgc



Organização:
Societas Libri
Sociedade de Literatura
twitter.com/LibriSocietas
Instagram.com/Societas.Libri

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:
oleitor.info@gmail.com

Ou faça a assinatura mensal pelo link
<http://pag.ae/7XbvVz6zo>